

O DESENHO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA INFANTIL: TRAÇANDO UMA NOVA LINGUAGEM

Children's drawing in the psychoanalytic clinic: tracing a new language

BRUNA VIDMAR¹

RESUMO: O desenho infantil foi e ainda é usado como uma ferramenta na clínica psicanalítica. Desde Freud, é uma ferramenta muito útil na comunicação entre paciente e terapeuta. O presente artigo é uma revisão literária que busca primeiramente historicizar sobre o papel do desenho na escuta infantil pela abordagem psicanalítica, e, em um segundo momento, refletir, com exemplos, sobre a importância do desenho nesses espaços, onde muitas vezes é imprescindível lançar mão de ferramentas que ajudem a expressar o que está além do verbal, auxiliando a significar o que ainda não está traduzido.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho. Infância. Psicanálise.

ABSTRACT: Children's drawings have been and still are used as a tool in the psychoanalytic clinic. Since Freud, it has been a very useful tool in the communication between patient and therapist. This article is a literature review that seeks firstly to historicise the role of drawing in psychoanalytic listening to children, and secondly to reflect, with examples, on the importance of drawing in these spaces, where it is often essential to use tools that help to express what is beyond the verbal, helping to signify what has not yet been translated.

KEYWORDS: Drawing. Childhood. Psychoanalysis.

Introdução

O sofrimento infantil é uma evidência inegável e cada vez mais presente na clínica atual. Grande parte da população de crianças e adolescentes no Brasil vive em condições adversas e expostas a muitas situações de estresse, aumentando o risco de desenvolverem problemas envolvendo saúde mental.

Diante de tal cenário, torna-se fundamental refletir sobre os recursos das primeiras fases do desenvolvimento na clínica psicanalítica, e a forma com a

¹ Psicóloga formada pela PUCRS.

qual o sujeito recorre ao desenho como meio alternativo de comunicação. Como recurso potencial para ser uma ferramenta na gestão do progresso do indivíduo, o desenho auxilia na elaboração das angústias, dos sintomas e das dificuldades familiares, além de propiciar o conhecimento da realidade psíquica infantil nessas etapas iniciais.

No presente estudo, serão realizadas reflexões teóricas sobre a importância do lúdico terapêutico na clínica infantil, sendo considerado processo de aproximação histórica do desenho na clínica psicanalítica. Este trabalho, portanto, consiste em uma revisão literária categorizada por objetivos de natureza descritiva e pesquisada pelo uso de fontes secundárias.

Como revisão literária, classifica-se o processo de busca, análise e descrição de um determinado tema, adquirindo conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. Entende-se por “literatura” todo o material relevante que é escrito sobre o tema. É a partir da revisão da literatura que teremos ideia do que já foi e do que ainda necessita ser pesquisado (Echer, 2001). Levando-se isso em conta, além do fato de o desenvolvimento infantil ser um processo único de cada criança, ele se apresenta através de mudanças contínuas. Urge, então, a demanda de buscar por ferramentas e modos de possibilitar uma conversa entre as realidades interna e externa.

O objetivo deste trabalho, por mais que seja reconhecer o valor do desenho na clínica psicanalítica, precisa se ocupar por um momento da inegável existência de outras perspectivas sobre o desenho da criança. Na psicologia, muitas áreas se ocupam do desenho como objeto de estudo, porém com diferentes propósitos. É possível olhar para o desenho em termos de desenvolvimento da motricidade, por exemplo, ou sobre seu papel na educação. Por isso, é importante enfatizar que existem outras linhas argumentativas válidas, e que a finalidade do presente artigo não é esgotar o assunto, mas, ao contrário, gerar uma reflexão acerca do tema.

Mesmo os adultos, que possuem um vocabulário mais extenso do que o infantil, necessitam de milhares de palavras para tentar explicar o que uma pintura pode vir a comunicar. Tão importante quanto a fala, os desenhos são organizadores para o desenvolvimento de esquemas mentais e podem expressar pequenos, quase imperceptíveis, detalhes do cognitivo que muitas vezes se colocam além do alcançável no repertório da expressão verbal (Aberastury, 1982).

Diferentes perspectivas/olhares para o desenho

Ao historicizar os primeiros estudos sobre a temática do desenho infantil, Cox (2007) menciona Corrado Ricci (1887), um dos primeiros a refletir sobre as obras infantis. Ricci observou alguns desenhos um tanto desajeitados e começou a se questionar o que havia de tão singular neles que os tornava tão distintos da arte convencional dos adultos. Assim, debruçou-se sob seu interesse. Foi

seu livro *A arte das crianças pequenas* que deflagrou o interesse pelo desenho infantil.

Georges-Henri Luquet (1927) também foi um dos estudiosos precursores a se debruçar sobre o tema. Seu livro *O desenho infantil* desenvolveu a ideia cuja premissa é analisar a evolução da criança sobre a área cognitiva. Segundo o autor, as fases do grafismo infantil se dividem em quatro etapas: *realismo fortuito*, *realismo falhado*, *realismo intelectual* e, por fim, *realismo visual*. Essas etapas representam a evolução da criança na área cognitiva, passando do desenho aleatório para representações mais simbólicas e expressivas do seu pensamento individual.

Na medida em que o sujeito evolui do exercício sensório-motor para um segundo momento, o desenho torna-se simbólico, motivando certa representação. Fazendo referência a Piaget (1975), Maureen Cox (2007) complementa a análise, salientando que o desenho só será considerado parte desses “jogos simbólicos”, quando permitir à criança exprimir um pensamento individual. Luquet (1927) ainda observa que os primeiros desenhos não são decorrentes da atividade simbólica, mas, sim, da atividade sensório-motora.

Diante do cenário do desenho, torna-se importante considerar o lugar do símbolo nesse universo, na clínica psicanalítica infantil. Jung (1964) destaca a diferença entre os conceitos de sinal e símbolo. O sinal é cunhado pelo homem. Sem significado em si próprio, é um objeto ou instrução, como uma placa de proibido fumar, por exemplo. Por sua vez, o símbolo é muito diferente. Segundo o autor, ocorre naturalmente e é um fenômeno espontâneo, cujo significado é implícito e latente à sua forma mais óbvia. Em contraste com o sinal, o símbolo representa mais do que aparenta. Sonhos e pensamentos inconscientes, sentimentos e ações são fontes de símbolos. Eles requerem interpretação no contexto de uma única realidade: a do sujeito que sonha, atua, ou, nesse caso, desenha. Em seu livro *Desenho da criança*, Jacqueline Goodnow (1977) pontua que essa mudança no conteúdo e nos traços não é uma mudança brusca, e sim uma transição que se alterna.

O uso progressivo dos símbolos tem sua origem em ações significantes, que seriam formas elaboradas de interação comunicativa, nas quais a criança passa a utilizar palavras ou gestos como ações simbólicas, à medida que o objeto a que se refere não está presente (Silva, Pilotto & Mognol, 2004). Pillar (1996) complementa a análise observando que a passagem do motor para o simbólico é quando a criança, pela primeira vez, produz uma forma na qual ela interpreta como semelhante algum objeto do seu meio. Esses símbolos funcionam como engates, a partir dos quais o inconsciente se vale para alcançar o caminho da consciência e, disfarçadamente, encontrar uma forma de expressão (Souza, 2011). Complementando e seguindo essa lógica, Florence Meredieu (1974) descreve que o desenho de formas, e, posteriormente bonecos, faz a criança passar do traço, que é uma simples descarga, para um signo que infere, ao mesmo tempo, diferenciação e aproximação entre significado e significante.

A arte infantil: o desenho na clínica psicanalítica

No que diz respeito aos primeiros documentos sobre a psicanálise infantil, o desenho teve seu primeiro destaque com a análise do pequeno Hans, descrita por Freud (1909/2015) no texto “Análise da fobia de um garoto de cinco anos”. Uma das características mais marcantes desse texto é a abordagem do simbolismo, por deflagrar os primeiros passos da psicanálise acerca de um tratamento psicanalítico com crianças. Naquela época, Freud debruçou-se sobre a fantasia das imagens produzidas e as verbalizações que decorreram da produção. Seguindo essa vertente de inauguração de uma escuta clínica, que remetesse à infância, outro caso clínico de Freud que merece ser lembrado, é o do “Homem dos lobos” (Freud, 1918/2015). Nele, o paciente traz um sonho que originou o nome do caso, acompanhado por um desenho, entregue a Freud após o relato.

Nas décadas seguintes, Melanie Klein (1955/1991), Winnicott (1971) e outros clínicos e pensadores fundamentais prosseguiram no desenvolvimento constante de uma técnica mais específica de trabalho, que, mais tarde, viria a se consolidar como análise de crianças na clínica psicanalítica. Nos anos posteriores, o psicanalista e pediatra inglês Winnicott (1935) desenvolveu uma técnica utilizando como instrumento o desenho, com o objetivo de promover a relação e o fluir da comunicação com as crianças, oferecendo-lhes um lugar ativo e de descoberta de si mesmos. Nomeou esse método de *squiggle*, ou jogo do rabisco, descrito em seu livro *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*.

Além dele, Melanie Klein, em 1955, escreve um artigo de notável importância para o meio analítico, denominado “A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado”, que traz, como um dos casos descritos, que inaugura esse campo de estudo, a análise de Fritz, conduzida por Melanie Klein. A partir das leituras freudianas e da investigação clínica, Melanie Klein assegurou que o brincar, assim como o desenhar, contemplava um leque de significados simbólicos, integrados com fantasias imaginárias. Esse modo de se relacionar com as realidades parecia muito familiar ao método de interpretação dos sonhos de Freud. Sua abordagem privilegiava a compreensão das fantasias infantis, angústias e defesas arcaicas ainda inexploradas até então.

No que tange à abordagem do profissional, quanto ao uso do desenho como ferramenta na clínica psicanalítica infantil, atualmente é de grande importância que o desenho da criança seja feito livremente durante a sessão. Meredieu (1974) constrói, durante todo seu livro *O desenho infantil*, a ideia de que a criança demonstra ali suas fantasias inconscientes e, ao fazer isso, integra seus conflitos, facilitando a elaboração das situações traumáticas. Posteriormente, pode-se investigar um diálogo com a expressão criadora, ou seja, o que ela está querendo mostrar, sem poder falar. O diálogo com o autor de um quadro, por exemplo, poderia ser uma perspectiva de maior evidência para a interpretação do que ele criou.

Nesse sentido, são possíveis algumas interpretações na composição posta ali pela criança. Todavia, algumas questões podem afetar o desenvolvimento

do tratamento, relacionadas à associação livre de tais desenhos infantis. Esses atravessamentos vão desde sugestões errôneas que prejudicam o processo até o impacto na gestão do desenvolvimento do indivíduo, se entendido por ele como uma cobrança, por exemplo. Contudo, se na ocasião em que estiver fazendo sua obra houver um diálogo, as associações livres podem servir de elementos interpretativos. Com um olhar profissional, muitas vezes, certas sutilezas em desenhos não necessitam de perguntas para serem compreendidas, uma vez que todo o processo também depende da capacidade do profissional que ali observa. O mais adequado a se fazer é conservar sua abstinência e com uma escuta ética guardar seus resquícios de realidade interna, e contemplar as possíveis correlações da criança com sua obra (Brafman, 2016).

Há uma grande discussão sobre como essas atividades inconscientes da criança em relação ao desenho ali criado podem se manifestar. Aberastury (1982) assevera que a situação da criança no tratamento analítico é diferente da do adulto, visto que ela não se analisa por livre decisão e, por vezes, pode não oferecer associações verbais, faltando, assim, com o instrumento fundamental da análise de adultos. Torna-se importante destacar, entretanto, a aplicabilidade do desenho no processo apenas como uma ferramenta, pois, quando se usa demasiadamente o recurso, pode-se comprometer o tratamento.

A perspectiva psicanalítica da arte conduz a estudos em profundidade da criação artística, seja literária, plástica ou pintura. No atendimento psicanalítico infantil, é imprescindível que a criança encontre seu mundo de recém-nascido no suporte propiciado pelas sessões terapêuticas. Dito isso, é igualmente importante a necessidade de frisar que a interpretação psicanalítica do desenho infantil não deixe de dar o devido valor aos poderes expressivos e projetivos que ele detém. Ele apenas confere um sentido novo, um ponto de vista auxiliar, associando-os a uma atividade psíquica inconsciente (Aberastury, 1982).

Como a clínica tornou-se um ambiente onde a presença infantil vem aumentando, novos modos de se comunicar com pacientes acabam recaindo na necessidade de se aprofundar sobre as possibilidades nessas expressões gráficas da infância, que surgem na clínica contemporânea. Bettelheim (1986) complementa:

Uma criança necessita entender o que está passando dentro de seu eu inconsciente, superar decepções narcisistas, dilemas edípicos e rivalidades fraternas, mas nem sempre ela conseguirá isso através da compreensão racional. A criança necessita familiarizar-se com estes conteúdos, através de “devaneios prolongados, ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da história em resposta a pressões inconscientes”. (Bettelheim, 1986, p. 16)

Em outras palavras, são micro-histórias compartilhadas como uma representação das relações presentes no mundo emocional da criança, à espera de uma pensabilidade (Ferro, 1995). O desenho, portanto, pode entrar como recurso, muitas vezes como um despontar narrativo, ou até se inserir em um caráter de construção de uma história. Conforme o desenvolvimento do sujeito, Aberastury (1982) afirma que a criança expressa o desejo de modificação do mundo

exterior e seu desejo por meio de brincadeiras. Essa interação da criança com sua obra é passível de interpretação, semelhante à associação livre no adulto, já que o desenho, como a linguagem, é o acesso para o mundo interno da criança. É possível notar, contudo, o processo de interpretação sendo igualmente válido para artistas, cujas obras, nos mais variados âmbitos, combinam perfeitamente com a realidade simbólica do artista, indicando sua vivência pessoal.

Meredieu (1974) também discute, em seu livro, sobre os dois níveis de expressão que o desenho abrange: um consciente e, de certa forma, intencional, e outro inconsciente, que recorre de uma simbologia complexa. A análise tem como papel investigar sua linguagem não verbal até seu conteúdo latente, partindo do conteúdo manifesto. Leo (1985) complementa a abordagem, observando que a forma com que a criança desenha não é somente um símbolo arbitrário, que representa um objeto do mesmo modo que uma palavra representa um objeto, ou seja, é preciso haver alguma semelhança entre o desenho e o que ele representa.

Caldas e Dias (2015) também abordam os conteúdos simbólicos presentes no desenho. Segundo elas, o terapeuta falha quando assume uma postura de decifrar individualmente os símbolos ali apresentados, caindo em seduções de interpretações baseadas num código de leitura de conteúdos. É necessário, assim, que o desenho seja usado como aliado do tratamento, que se faça uma ponte entre o desenho e os conteúdos trazidos durante os atendimentos. Ferro (1995) argumenta que é como se o desenho estivesse atuando onde há uma zona de não pensabilidade, que está à espera de ser explorada e se assemelha muito ao papel das palavras em uma análise, do qual, mesmo de um ângulo particular e desconhecido por nós *a priori*, devemos participar para alcançar o paciente.

De acordo com Dolto (1948 citado por Lucas, 2020, p. 7): “Muitas vezes, o desvelamento do sentido de um primeiro desenho vem somente depois, mas já estava lá registrado desde o primeiro traço”. Parece interessante assinalar que, mesmo o conteúdo se revelando tempos depois, na primeira sessão ele já estava posto, tal como ocorre com os adultos que procuram atendimento e, na primeira ou segunda sessão, já enunciam, de alguma forma, do que se trata seu sintoma.

Dessa maneira, observa-se que o desenho pode ser visto como um processo de expressão inconsciente, que encontra espaço em mecanismos como dramatização, condensação e deslocamento. Diante dessa reflexão, Meredieu (1974) conclui que os processos de condensação e deslocamento operam de forma que o conteúdo manifesto pelo desenho se apresenta mais curto e menos rico. Quanto ao deslocamento ou transferência de um objeto para outro, faz com que o conteúdo manifesto do desenho seja centrado de maneira diferente de seu conteúdo latente; na maioria das vezes, é um detalhe que conduz à significação oculta, com a censura colocando elementos secundários no primeiro plano do conteúdo manifesto.

Assim, o desenho acaba não sendo um fenômeno estático, mas, sim, um processo construído com um contínuo contato com o mundo. Como não é uma estrutura fixa, mas uma estruturação, sofre modificações sucessivas na relação com fatos entre o sujeito e o ambiente, evidenciando, assim, essas representações gráficas como documentos que preservam e ilustram mudanças que ocor-

reram em um período (Leo, 1985). Como destaca Oliveira (1978), o desenho não é um mero meio de expressão, mas um facilitador de tomada de consciência dos conflitos, favorecendo a liberação da afetividade, permitindo uma catarse e, dessa maneira, mergulhando mais a fundo em seu próprio inconsciente.

No que diz respeito à aliança terapêutica, mais especificamente na clínica psicanalítica contemporânea, o desenho entraria no *setting* como um agregado funcional. Ferro (1995) referencia a expressão gráfica da criança, nesse âmbito, como um fotograma onírico do funcionamento mental daquele momento. É muito rico pensar, também, pela ótica de o desenho atuar como um assistente capaz de fornecer elementos que dão forma às coisas que acontecem no funcionamento mental do par, como se os personagens presentes no desenho fossem hologramas do par e das trocas emocionais.

Como os chistes, o desenho tem seu aspecto socializado e, de início, expressa uma função exterior, visto que a produção dessa forma é real e visível por outras pessoas. Ela existe como expressão do prazer e da liberdade pessoal, sendo um aliado poderoso da comunicação com o outro. Todavia, os desenhos são condicionados pelo meio onde as crianças circulam, fazendo consequentemente com que, por vezes, essas combinações das realidades, representadas sob forma de fantasia, cedam à utilização de um código social (Meredieu, 1974). Em vista disso, a necessidade de uma clínica acessível para todos os sujeitos, independentemente da idade, torna-se importante. Consequentemente, o estabelecimento de uma técnica fundamentada para atender esses casos também.

A linguagem no desenho: exemplos clínicos

Diante do que foi desenvolvido até aqui, fica evidente o quanto a arte infantil expressa no desenho auxiliou os psicanalistas ao longo do tempo e esteve envolvida com a escuta infantil, desde Freud. A partir disso, entende-se que a apresentação de desenhos se configura como um importante recurso de reflexão sobre o lugar dessa arte na clínica psicanalítica infantil.

Dessa forma, foram escolhidos três breves relatos de casos acompanhados por seus desenhos, não somente viabilizando a problematização de diferentes momentos da clínica infantil – desde Freud até hoje –, como também ressaltando o fato de que mesmo com o passar das décadas o desenho ainda se faz muito importante nesses espaços.

Retomando o que foi referido sobre o lugar do desenho desde Freud, a origem do desenho como ferramenta na clínica psicanalítica se deu no atendimento do pequeno Hans, relatado em seu texto “Análise de uma fobia de um garoto de cinco anos” (Freud, 1909/2015). Essa fobia vai dando sinais quando, após o nascimento de sua irmã, Hans começou a ter uma profunda angústia, o que o fazia ter aversão a cavalos e a não querer sair de casa.

Foi por meio de seu pai que se deu o tratamento do garoto, e mesmo não o atendendo diretamente, Freud pôde notar que Hans estava ocupado com ques-

tões edípicas, como a diferença da dimensão fálica e com a potência do *fazedor de pipi*. Foi por meio do brincar e do desenho que Freud reconheceu em Hans uma situação conflitiva, a ponto de ter podido confirmar sua teoria da sexualidade. Freud conseguiu observar, com mais calma, fragmentos desse temor da castração sentida pelo menino e representada no desenho pelo seu *faz pipi*, como foi nomeado. Somente tais pontuações feitas por Freud, juntamente com o desenho, como uma ferramenta auxiliar, possibilitaram a tradução de seu sintoma.



Figura 1. Desenho da criança na clínica infantil

Fonte: Freud (1909/2015).

O garoto explicitou, no desenho, suas angústias diante da fase edípica em que se situava. Ao usar o desenho como um mecanismo para traduzir parte dessa angústia, também possibilitou a Freud notar que naquele momento os deslocamentos fóbicos tinham uma função central na estruturação psíquica do menino. Podemos afirmar que o papel do desenho, nessa análise, é fundamental para reorganizar posteriormente seu quadro familiar, conforme seu desejo.

Oliveira (1978) traz em seu livro *Perspectivas psicanalíticas dos desenhos infantis* exemplos de obras feitas em sessões por crianças. Em meio a vários exemplos, há um deles que mostra, de forma clara, o que é proposto neste trabalho. Trata-se da história de um menino de 9 anos com distúrbio de comportamento e dificuldades para aprender a ler e escrever.



Figura 2. Desenho da criança na clínica infantil

Fonte: Oliveira (1978).

É perceptível, no desenho, a fase do realismo falhado, proposto por Luquet (1927), que foi tratado anteriormente. A curiosidade da criança de entender como os bebês surgem está ligada também à tentativa de compreensão da diferença dos sexos. Oliveira (1978) também pontua que por mais que a dinâmica do desenho, segundo a interpretação da autora, faça parecer que a figura simbólica remeta mais a uma figura peniana, o paciente verbaliza que o filhote do canguru estava dentro desse saco ventral.

Mãe e filho tinham uma ligação simbólica muito forte, que se destaca no desenho da criança, onde há um fundo projetivo muito característico de querer ficar guardado no ventre da mãe. Fato esse que se concretizou, como Oliveira (1978) destaca ao fim do relato, numa sequência do atendimento que foi tão mobilizadora para a mãe que fez com que ela acabasse desligando o filho do tratamento. Por fim, no livro *A linguagem dos desenhos*, de Abrahão H. Brafman (2016), é possível visualizar vários desenhos que foram utilizados nessa temática em um cenário mais contemporâneo do que os demais citados. Foi selecionado um caso que ilustra bem o papel sobre o qual este texto se propôs a discorrer.

Uma menina de 13 anos, cuja história familiar se dá de uma forma conturbada: ela, sua mãe e seu irmão foram obrigados a se mudar para outro território, pois seu pai, que fazia uso abusivo de álcool, tornou-se uma pessoa agressiva. Em um momento, a paciente relata que ela e seu irmão encontraram seu pai na rua, e ele mostra uma arma a ela, exigindo que ela avise sua mãe (Brafman, 2016).



Figura 3. Desenho da criança na clínica infantil

Fonte: Brafman (2016).

A menina chega para o atendimento e, conforme o passar da sessão, faz o primeiro desenho, um jardim com flores enormes e um gato no centro. Logo em seguida, ela faz o segundo desenho, onde reproduz duas casas, uma em cada ex-

tremidade da folha, com um jardim que as dividiam e um pássaro no centro dele. Ao ser questionada, ela conta uma narrativa sobre o segundo desenho: em uma das casas, mora uma senhora com seus filhos. Após um tempo, ela acrescenta contando que o gato, desenhado na primeira folha, também morava lá (Brafman, 2016).



Figura 4. Desenho da criança na clínica infantil

Fonte: Brafman (2016).

Ao sobrepor ambos os desenhos feitos, é possível ter uma visão complementar, em que o pássaro coincidentemente se situa dentro da barriga do gato. Ao se dar conta disso, o terapeuta pergunta à menina sobre o pássaro; ela ri e responde: “é bom ele fugir enquanto pode!” (Brafman, 2016, p. 76).



Figura 5. Desenho da criança na clínica infantil

Fonte: Brafman (2016).

Com os desenhos, abre-se uma hipótese de pensamento de que ela se sentia representada pelo pássaro, e que o gato era uma imagem de seu pai (Brafman, 2016). Fica claro o sentido, com a devida observação e complemento verbal, que

só foi alcançado após o despontar de uma história, com o deslocamento que sua própria angústia estava formulando diante da agressividade do pai e seu medo dele.

Após a análise dos três momentos que nos dizem sobre um lugar especial do desenho, fica perceptível que, mesmo que cada caso tenha suas questões subjetivas, há uma base, que conduz a perspectiva psicanalítica do desenho, sustentada pelo desvelar do inconsciente. Assim, ficam postos os conflitos infantis ali ilustrados. Freud não os tomava de forma tão técnica, e sim como uma entrada para o universo infantil. Foram os autores pós-freudianos, como Melanie Klein e Winnicott, que se debruçaram sobre estudos e dimensionaram a estrutura da técnica. Dessa maneira, o desenho se mostra um aliado muito valioso para compreender o intrapsíquico infantil, auxiliando no acesso ao inconsciente e na integração mente-corpo, permitindo que as crianças possam expressar seu mundo interno, cheio de emoções complexas, de forma visual.

Considerações finais

Em qualquer idade, é comum que a pessoa não encontre as palavras que poderiam transmitir seus conflitos internos. Este artigo se propôs a olhar a potência do uso do desenho em diversos âmbitos do desenvolvimento infantil, reconhecendo o quanto ele foi, é e ainda será muito importante na história da escuta de pacientes de pouca idade, na clínica de abordagem psicanalítica. Gosto de imaginar, assim como devaneia Ferro (1995), o ofício do psicanalista como um processo que se aproxima muito da atividade de pintar uma tela: o *setting* fornece a tela, e as emoções da dupla proporcionam as tintas e as formas.

A técnica, além de ser muito subjetiva no encontro com o sujeito, constantemente se atualiza com o avanço das gerações. Por isso, é muito importante que a escuta de pessoas nos primeiros anos de vida seja inclusiva para as formas com as quais se comunicam. Os desenhos, muito além de meras produções gráficas, evidenciam movimentos do inconsciente, nos quais a subjetividade infantil realiza seu trabalho em termos elaborativos. A abordagem psicanalítica tem um jeito específico de olhar para o desenho: com características próprias, sustentando o lugar absolutamente importante de marcar o que é inconsciente do desenho. São nesses detalhes, muitas vezes despercebidos, que moram fragmentos inconscientes da trama interna. Diante desse trabalho, fica claro o quanto, após o atendimento do pequeno Hans, autores pós-freudianos puderam usufruir e dar maior dimensão técnica a essa ferramenta.

Durante o processo de desenhar, a criança põe em jogo a aquisição da sua própria imagem. O ofício do psicanalista, considerando o panorama ali posto, deve ser o de se ocupar do desenho como um aliado para estabelecer acesso a conteúdos que não seriam alcançados de outra maneira, haja vista as frequentes adversidades que dificultam as verbalizações da angústia e do sofrimento.

Referências

- Aberastury, A. (1982). *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Artes Médicas.
- Bettelheim, B. (1986). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Brafman, A. (2016). *A linguagem dos desenhos*. São Paulo: Blucher.
- Caldas, C. de S. L., & Dias, C. L. (2015). A arte como manifestação da vida: a contribuição do desenho no desenvolvimento da criança. *Colloquium Humanarum*, 12(1), 01-06. Recuperado de <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1215>
- Cox, M. (2007). *Desenho da criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Echer, I. C. (2001). A revisão de literatura na construção do trabalho científico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 22(2), 5-20.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2015). *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise de uma fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2015). *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909)
- Goodnow, J. (1977). *Desenhos de crianças*. Lisboa: Moraes Editora.
- Jung, C. G. (2008). *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Klein, M. (1991). *A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1955)
- Leo, D. (1985). *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lucas, F. d. T. (2020). O desenho nas cavernas, na infância e para a psicanálise: uma linha do tempo que merece ser revisitada. *Correio APPOA*, 7(6). Recuperado de https://apboa.org.br/correio/edicao/300/o_desenho_nas_cavernas_na_infancia_e_para_a_psicanalise_uma_linha_do_tempo_que_merece_ser_revisitada/860.
- Luquet, G. (1927). *O desenho infantil*. Porto: Minho.
- Meredieu, F. (1974). *O desenho infantil*. São Paulo: Cultrix.
- Piaget, J. (1975). *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pillar, A. D. (1996). *Desenho e escrita como sistemas de representação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ricci, C. (1887). *L'arte dei bambini*. Bologna: Editora Nicola Zanichelli.
- Silva, M. K., Pilotto, S. S. D., & Mognol, L. C. (2004). Grafismo infantil: linguagem do desenho. *Linhas*, 5(2).
- Souza, A. L. d. (2011). O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. *Boletim de Psicologia*, 61(135), 207-215. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Oliveira, E. M. d. (1978). *Perspectivas psicanalíticas dos desenhos infantis: aproximação interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- Winnicott, D. W. (1971). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.